

## O CYBERBULLYNG EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO MAMANGUAPE-PB

Suênia Tavares da Silva<sup>1</sup>  
Jordânia Naiara dos Santos Lima<sup>2</sup>  
Ivonaldo Neres Leite<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a incidência do cyberbullying em instituições públicas de ensino municipais e estaduais do Vale do Mamanguape-PB. A base metodológica da pesquisa foi de natureza qualitativa, através da investigação exploratória que partiu de uma revisão não sistemática da literatura e do estudo empírico com professores e integrantes da gestão escolar de cinco escolas selecionadas como campo de investigação, através de entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo temático-categorial. Os resultados obtidos apontaram, por exemplo, que algumas escolas ainda se distanciam no que se refere ao enfrentamento ao cyberbullying por considerarem um fenômeno externo e que, portanto, cabe apenas à família intervir. Conclusivamente, percebeu-se que situações de agressão virtual têm sido cada vez mais frequentes e, pela natureza infundável do material agressivo nas redes, acaba prejudicando a vítima nos mais diversos âmbitos de sua vida por tempo indeterminado, o que pode acarretar no sentimento de incapacidade de superação da situação e, conseqüentemente, levar o alvo a desenvolver problemas psicológicos e pensamentos ou atos suicidas.

**Palavras-chave:** Cyberbullying, Bullying, Escola, Violência.

### INTRODUÇÃO

Cotidianamente temos visto, em nossa sociedade, crianças e adolescentes envolvidos com as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's). De fato, a nova geração passou a ser denominada de *nativos digitais* (Palfrey e Gasser apud Wendt e Lisboa, 2014, p. 50), isto é, jovens que já nasceram num contexto informatizado e que desde a tenra idade estão em contato com dispositivos e ferramentas como celulares, computadores, internet,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [sueniatavares11@gmail.com](mailto:sueniatavares11@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [josalvatoreee@gmail.com](mailto:josalvatoreee@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor na área de Especialização Sociologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: [ivonaldo.leite@gmail.com](mailto:ivonaldo.leite@gmail.com)

redes sociais, jogos online, dentre outros. A partir dessa perspectiva, Wendt e Lisboa (2014) afirmam que:

Não se pode negar, nos dias atuais, a influência das novas tecnologias da informação e comunicação. Vive-se em um mundo globalizado e virtual. Esse cenário contemporâneo apresenta inúmeras alternativas que se descortinam quando um sujeito é capaz de, em um único clique, entrar em contato e interagir com as mais diversas possibilidades de expressão de opiniões, sentimentos e desejos. Assim, já é relativamente consenso que as crianças e adolescentes, hoje, se desenvolvem com uma consciência global, sendo tal movimento impulsionado pelas TIC's. (WENDT e LISBOA, 2014, p. 50)

Nessa conjuntura, é importante refletir em torno das problemáticas que permeiam essa realidade. Dentre tais questões, o *cyberbullying* tem sido alvo de muito interesse tanto por parte da comunidade científica, como por pais, professores e gestores. Isso se dá, principalmente, pelo fato de ser um tipo de violência nova, com consequências a longo prazo ainda desconhecidas e por tomar proporções incalculáveis num curto espaço de tempo (FERREIRA e DESLANDES, 2018, p. 3373). Ademais,

Pela esteira de informações originadas de *cyberbullying*, a notícia é tomada como verdade absoluta pelos usuários. Principalmente, pelos adolescentes que não procedem a nenhuma forma de apuração ou assunção criteriosa, gerando e autorizando um julgamento tendencioso que passa a integrar o grupo de agressores que fustigam a vítima. (FUJITA e RUFFA, 2019, p. 402)

A intimidação digital é tida como um tipo de bullying com características próprias. Dentre suas denominações estão os termos *cyberstalking*, agressão online, assédio na internet ou online, bullying na internet, vitimização cibernética e cybervitimização (ABOUJAOUDE et al. apud. FERREIRA e DESLANDES, 2018, p. 3373). Desse modo, Slonje e Smith (apud. Souza et. al., 2014, p.582) caracterizam esse fenômeno como um tipo de violência ou assédio moral que se dá através dos meios digitais, isto é, celulares, computadores ou internet. Tognetta et al. (2017) afirmam que o *cyberbullying* é, em sua essência, a forma virtual de praticar o bullying, pois tem, assim como o bullying, o intuito de agredir o outro, sendo, assim, uma violência intencional.

Ainda no que se refere às especificidades desse fenômeno, Amado et al. (2009) apontam que um dos aspectos marcantes do bullying digital está relacionado à possibilidade de anonimato, um fator de encorajamento para a maioria dos agressores, que podem ter seus comportamentos embasados na sensação de que nunca serão descobertos. Assim, os referidos

autores refletem sobre a possibilidade dessa atitude demonstrar que o agressor não compreenda, de fato, as consequências de suas ações na vida dos alvos.

Matos et al. (2012) fazem uma ressalva no que se refere a outra característica própria do *cyberbullying* que lhe difere do bullying tradicional e apontam para o fato de a repetitividade, aspecto fundamental na caracterização da violência entre pares face a face, assumir novos contornos, uma vez que o agressor não necessariamente carece de compartilhar o conteúdo agressivo mais de uma vez, contudo, a divulgação que se dá a esse material através de visualizações e compartilhamentos por outros internautas pode ser considerada a repetição da intimidação.

Partindo dos princípios apontados em relação à violência virtual entre pares, este artigo é o produto de um projeto<sup>4</sup> que tem como objetivo principal analisar o fenômeno bullying em escolas do Vale do Mamanguape-PB<sup>5</sup>, sendo que, no caso presente, o foco incide sobre a percepção de gestores e professores em torno de um tipo específico de bullying praticado através de recursos tecnológicos. Isto posto, o objetivo geral do projeto é analisar o quadro da ocorrência de bullying em escolas públicas municipais e estaduais do Vale do Mamanguape-PB.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi metodologicamente fundamentado nos princípios da pesquisa qualitativa de natureza exploratória e teve seus dados coletados através de entrevistas semiestruturadas e da revisão não-sistemática da literatura, pois não tinha-se o intuito de quantificar os estudos já realizados sobre a temática ou apresentar estatísticas, mas compreender e discutir esse novo fenômeno.

Ademais, foram realizadas pesquisas empíricas com 15 integrantes de escolas da rede pública de ensino do Vale do Mamanguape-PB, dentre os quais estão gestores e professores. No que se refere ao campo empírico, foram selecionadas as escolas: Escola Cidadã Integral e

---

<sup>4</sup> Este artigo resulta do projeto de pesquisa intitulado “Cotidiano escolar, violência e bullying: um estudo em municípios do Vale do Mamanguape-PB”, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba e vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

<sup>5</sup> O Vale do Mamanguape está localizado no estado da Paraíba e compreende um total de nove municípios, dentre os quais estão: Baía da Traição, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima, Itapororoca, Jacaraú, Mamanguape, Marcação, Mataraca e Pedro Régis.

Técnica João da Matta Cavalcante de Albuquerque; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez; Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Campelo; Escola Cidadã Integral e Técnica Luiz Gonzaga Burity e Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia Luna Lisboa, localizadas nas zonas urbanas das cidades de Rio Tinto-PB e Mamanguape-PB.

As entrevistas foram analisadas de acordo com a técnica de análise de conteúdo, em sua versão temático-categorial (BARDIN, 2011), que tem como objetivo primordial o desvendar crítico do conteúdo latente (SANTOS, 2012; BARDIN 2011) e implica na análise categorial do texto a partir de temas determinados, expondo as circunstâncias nas quais eles aparecem, sistematizando-os segundo critérios teóricos/empíricos adotados pela fundamentação conceitual do estudo. No processo de tratamento do material, foram desenvolvidas categorias, subcategorias, unidade de registro e unidade de contexto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere aos resultados obtidos a partir da pesquisa realizada, foi possível perceber que docentes e gestores percebem o fenômeno *cyberbullying* como uma extensão do bullying, isto é, um tipo de intimidação que ocorre no ambiente virtual. Contudo, é evidenciado que essa violência pode ser mais danosa do que o bullying tradicional, que ocorre no cotidiano das escolas e, portanto, está limitado a um determinado público. Os entrevistados salientam o fato de o assédio na internet não ser passível de controle, sendo, desse modo, inviável contingenciar os danos causados aos alvos. Ademais, no que se refere às problemáticas em torno do uso de mídias sociais e tecnologias, acredita-se que o excesso de exposição é um dos principais fatores causadores da violência digital, uma vez que os jovens são inseridos precocemente no meio eletrônico e a imaturidade nas relações sociais influencia negativamente na convivência virtual.

Esse é um problema mais voltado à internet. Os alunos estão muito expostos hoje em dia. Postam coisas íntimas demais sem se preocupar com as consequências. Tem essa necessidade de ganhar curtidas para se sentir importante e isso é muito preocupante porque acaba dando espaço para pessoas maldosas utilizarem de suas vivências para ridicularizar na internet. (Gestora 1)

Está relacionado ao bullying, mas é feito na internet. Isso se agravou muito porque as crianças têm acesso muito cedo aos aparelhos digitais e eles não sabem conviver pacificamente nem mesmo presencialmente, no digital é ainda pior. (Professora 2)

Acho que o *cyberbullying* é ainda pior que o bullying que acontece na escola, porque ganha uma proporção muito grande e nem tem como conter isso de uma forma que evite que o alvo saia prejudicado. (Professor 3)

Os entrevistados apontam pouca incidência de relatos. Nesse sentido, pode-se afirmar que há pouca procura, por parte de vítimas, de comunicação com figuras de autoridades no contexto escolar. Os dados evidenciam que os casos tendem a chegar ao conhecimento dos profissionais da educação fora da vivência na escola, assim, é indicado que a escola sente-se impotente no que diz respeito ao enfrentamento da situação quando a vitimização virtual acontece fora dos muros da escola. Contudo, no que concerne aos casos que ocorrem no interior da instituição de ensino, os entrevistados afirmam buscar soluções que viabilizem a resolução da problemática.

Na escola temos poucos relatos. Já chega ao nosso conhecimento através de terceiros quando acontece algum caso. Então não tem muito o que podemos fazer, porque é uma coisa que foge do controle. A gente não pode controlar o que os alunos postam e compartilham quando estão em casa, então só resta mesmo tentar conversar. Quando acontece na escola, então é diferente. Estabelecemos o diálogo e tentamos reverter o caso antes que se propague. (Gestora 1)

Os relatos são poucos. É muito raro que os alunos cheguem para nós, enquanto professores, e se digam vítimas de algo desse tipo. É mais comum que a gente veja fora do nosso horário de trabalho. Por exemplo, já vi casos de alunos brigando em comentários de fotos no Facebook ou comentando entre si sobre fotos vazadas e coisas do tipo. Quando eu escuto algo dessa natureza em sala, já procuro “cortar” de uma vez. (Professora 2)

Em se tratando de possíveis motivadores no que diz respeito ao envolvimento de jovens e crianças em casos de *cyberbullying*, os entrevistados sinalizam para a deficiência no gerenciamento dos pais em relação ao relacionamento dos filhos com o meio virtual. Também assinalaram questões relativas aos valores morais, a exemplo da ausência de respeito e empatia, bem como no bullying cometido face a face. Ainda, foram pontuados conflitos sociais relacionados à imaturidade e ao uso do anonimato como fator de vantagem sobre o alvo.

Acho que isso acontece muito por conta da falta de controle dos pais em relação ao que os filhos veem na internet. Muitas crianças entram em jogos com adolescentes e acabam em conflito por conta da diferença na maturidade. O linguajar nesses jogos é terrível, a agressividade é muito estimulada e raramente se conhece as pessoas com que se joga. Isso interfere demais, porque o agressor pode dizer o que bem entender e o outro, a vítima, fica vulnerável. (Coordenadora pedagógica 1)

Tanto o bullying quanto o *cyberbullying* acontecem pela questão do desrespeito. Falta empatia na vida real e isso, nas redes, é amplificado. (Professor 3)

Os pais não acompanham, apenas dão os celulares aos filhos para poderem mantê-los quietos e nem supervisionam os sites que os filhos acessam. Dão liberdade total e se esquecem que a criança pode esconder coisas já para evitar perder o acesso. (Professora 2)

Numa narrativa sobre casos de *cyberbullying*, uma das entrevistadas citou uma situação na qual alunos invadiram a rede da escola para deferir agressões verbais aos alunos e à equipe escolar. Diante do ocorrido foram desenvolvidas ações de combate buscando conscientizar os alunos dos problemas causados pela situação para que não voltasse a acontecer.

Quando detectamos um caso muito sério de *cyberbullying*, porque aqui todo mundo é muito informatizado e todas as nossas ações são através de um sistema online, nós que fomos vítimas de bullying, muitos professores. Alguns alunos mexeram na rede da escola, o IP, e aproveitaram para “esculhambar” todo mundo. E foi a partir daí que a gente começou a fazer as intervenções. Então a gente fez o PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) com tudo que a gente podia: palestras com psicólogo, palestra com delegado, palestras com os próprios professores, com pessoas que passaram por isso, pessoas que superaram isso. Então podem existir casos que a gente não tenha conhecimento, mas quando a gente tem, a gente age. (Gestora 2)

A partir das entrevistas realizadas, observamos que os colaboradores compreendem que um dos possíveis motivos para a ocorrência do *cyberbullying* seja o amplo acesso das crianças e jovens à internet e à grande exposição, mas tratam como uma extensão do bullying comum. O professor 3 entende que há a distinção entre o bullying comum e o *cyberbullying*, e concorda com a professora 2 a despeito da proporção da problemática e dos danos causados. Partindo de uma perspectiva analítica, Willard (2005, apud GONÇALVES; ANDRADE; 2015) aponta o assédio moral, a perseguição, a difamação, a violação da intimidade, a exclusão social, a suplantação da identidade, dentre outros, como formas de intimidação próprias do assédio virtual. Nesse sentido, podemos refletir, inclusive, sobre o fato dessa violência em específico não se limitar aos espaços escolares, isto é, sua ocorrência se dá necessariamente a partir de recursos tecnológicos, contudo, suas repercussões são perpetradas na vivência escolar.

Os dados coletados apontam que a formação recebida pela equipe escolar mostra-se insuficiente para a ação efetiva no que se refere ao enfrentamento ao assédio online, desse modo, as ações são tomadas por meio do senso comum. Deve-se considerar, portanto, o porquê de um tópico tão urgente e presente no cotidiano das escolas brasileiras não constituir um conteúdo obrigatório nas licenciaturas. Para Fauman (2008 apud SCHREIBER;



ANTUNES; 2015), um único ato agressivo, como o envio de uma foto embaraçosa para a internet, pode resultar em constante vergonha para a vítima. Considerando que tal ato não se repita, o dano causado pelo ato é revivido através da humilhação permanente. Assim, quando o profissional da educação não encontra-se pronto para mediar uma situação dessa natureza, que mesmo acontecendo fora da escola tem suas consequências alcançando-a, os impactos podem ser ainda maiores, pois o suporte que a vítima precisaria receber acaba por ser insuficiente e falho.

Assim como nos casos de bullying tradicional ocorridos dentro da escola, também não há relatos constantes em se tratando da intimidação virtual. A gestora 1 relata que casos em que a vítima busca ajuda com figuras de autoridade do contexto escolar são pouco frequentes, contudo, ao tomarem conhecimento do fato, a equipe escolar utiliza da dialogicidade visando a resolução do problema. Por sua vez, a professora 2 afirma ser mais comum ter conhecimento de agressões dessa natureza através de sua própria rede social por acompanhar as publicações de alguns alunos. Ademais, os casos também são percebidos quando o docente, no exercício de sua função, percebe comentários em sala de aula sobre o vazamento de conteúdos.

No que diz respeito aos possíveis motivadores de práticas de *cyberbullying*, foi possível perceber a culpabilização, por parte da equipe escolar, em relação aos pais, por acreditarem que a razão primordial do problema está vinculada à falta de controle sobre os filhos na internet, a partir da qual crianças e adolescentes têm acesso a uma série de conteúdos impróprios como, por exemplo, jogos violentos. Ainda, a falta de respeito pelo outro e a limitada empatia realçada pelas redes sociais também são apontadas pelos entrevistados como possíveis instigadores da prática dessa violência. A coordenadora pedagógica 1 acentua, a título de exemplo, a forma agressiva de comunicação presentes em jogos multijogador com temáticas violentas .

Além disso, foram reveladas situações em que os alunos conseguem invadir a rede da escola e causar situações embaraçosas, nesses casos o *cyberbullying* ocorre até mesmo com a equipe escolar, não se limitando aos colegas.

Assim como ocorre no bullying presencial, a família é responsabilizada pelos casos de *cyberbullying*, com a justificativa da negligência sobre os conteúdos que os filhos têm acesso na internet. Todavia, deve-se considerar que, além do ensino de conteúdos disciplinares, a

formação do sujeito como cidadão apto à convivência pacífica em sociedade também deve ser atribuída à instituição escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, esse artigo objetivou descrever a ocorrência do *cyberbullying* em escolas municipais e estaduais do Vale do Mamanguape-PB mediante a percepção de gestores e professores. Nesse sentido, tivemos como foco um tipo de bullying específico, praticado por meio de recursos tecnológicos, o fenômeno denominado *cyberbullying*.

Em tempos de aulas remotas, ocorrem situações em que, pela necessidade do compartilhamento de links com dezenas de alunos, a equipe pedagógica pode perder o controle desse endereço eletrônico, podendo chegar em espaços variados da internet. Mas, além dos possíveis eventos de hackers invadirem a rede e causarem problemas para a escola, ocorrem também situações nas quais alunos da própria escola invadem seu sistema online e provocam problemas.

Assim como no bullying convencional, o *cyberbullying* visa, principalmente, a exclusão e a humilhação da vítima, contudo, apesar de terem características semelhantes, os fenômenos mencionados possuem características particulares, considerando, sobretudo, que o espaço online facilita a comunicação entre os indivíduos a partir de diferentes lugares. O bullying presencial necessita da presença física dos personagens, dessa forma, a vítima pode se distanciar das agressões ao ir para casa, um atenuante da situação que não ocorre nos casos de *cyberbullying*, pois o alvo fica a mercê das ofensas e agressões em quaisquer âmbitos em que se encontrem.

Uma outra característica facilitadora das situações de *cyberbullying* é o anonimato proporcionado pela internet, crianças e adolescentes, que em público não se envolveriam em eventos de natureza violenta, podem vir a praticar a intimidação virtual por se sentirem seguras diante do encobrimento de sua identidade através de perfis falsos, o que pode tornar a situação da vítima ainda mais angustiante, visto que, ao sofrerem ataques anônimos, terão maior dificuldade para se defender e resolver o problema.

Concluimos, através da análise dos dados, que o *cyberbullying*, assim como o bullying, pode acarretar em inúmeras consequências ao psicológico dos personagens. Por



consequente, entendemos que o fenômeno deve receber a devida atenção tanto da equipe escolar, quanto das famílias e sociedade em geral. As intervenções precisam ser pautadas na pluralidade, isto é, fugir de ações individualizadas e descontextualizadas, sendo necessário, assim, um amplo programa de enfrentamento envolvendo a comunidade escolar e a capacitação dos agentes escolares no que se refere ao desenvolvimento de habilidades sociais para resoluções de conflitos de caráter violento. Mostra-se fundamental entender que a responsabilização não deve ser voltada apenas ao agressor, usuários que compartilham e fomentam a disseminação dos conteúdos agressivos atribuem valor ao assédio online.

Ademais, cientes das consequências danosas que a violência através da internet podem resultar, ressaltamos a necessidade de serem prestados o devido acompanhamento e suporte psicológico aos alvos, pois, ao terem suas experiências traumáticas negligenciadas podem apresentar inúmeros problemas psicológicos e maior risco de atentarem contra a própria vida ou a de terceiros.

## REFERÊNCIAS

AMADO, J.; MATOS, A.; PESSOA, T.; Jäger, T. **Cyberbullying**: Um desafio à investigação e à formação. *Interacções*, v. 5, n. 13, p. 301-326, 2009. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/409>>. Acesso em 13 Set. 2021.

CAETANO, A. P.; AMADO, J.; MARTINS, M. J. D.; VEIGA SIMÃO, A. M.; FREIRE, I.; PESSÔA, M. T. R. **Cyberbullying**: motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. *Educação & Sociedade*, v. 38, n. 141, p. 1017-1034, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852>>. Acesso em: 12 Set. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FERREIRA, T. R. de S. C.; DESLANDES, S. F. **Cyberbullying**: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>>. Acesso em: 12 Set. 2021.

FUJITA, J. S.; RUFFA, V. **Cyberbullying**: família, escola e tecnologia como stakeholders. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 97, p. 401-412, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.022>>. Acesso em: 11 Set. 2021.

GONÇALVES, Catarina Carneiro. ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Violências e Bullying na Escola**: Análise e prevenção. Curitiba, PR: CRV, 2015.

LEITE, I. N. **Cotidiano escolar, violência e bullying:** um estudo em municípios do Vale do Mamanguape – PB. Projeto Pibic/UFPB 2019-2020. Mamanguape: 2019 (mimeo).

MATOS, A.; PESSOA, T.; AMADO, J.; JÄGER, T. **Cyberbullying:** o desenvolvimento de um manual para formadores. Universidade Nova de Lisboa, Acta Digital, p. 16-33, 2009. Disponível em: [https://www.uc.pt/fpce/comedig/documentos/Cyberbullying\\_manual](https://www.uc.pt/fpce/comedig/documentos/Cyberbullying_manual). Acesso em 14 Set. 2021.

SCHREIBER; F. C. de C.; ANTUNES; M. C. **Cyberbullying:** do virtual ao psicológico. Boletim - Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 Set. 2021.

SANTOS, F. M. dos. **Análise de conteúdo:** a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CAETANO, A. P. **Cyberbullying:** perspectivas acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 27, n. 3, p.582-590, 2014.

TOGNETTA, L. R. P.; KNOENER, D. F.; BOMFIM, S. A. B.; NADAI, S. T. de. **Bullying e cyberbullying:** quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremera. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1880–1900, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10036>. Acesso em: 20 set. 2021.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. de M. **Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. Temas em Psicologia,** Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 39-54, 2014 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 set. 2021.